



*Uma longa viagem*. Fonte: <http://images.google.com>

## O contemporâneo no filme *Uma longa viagem*

Douglas Ostruka<sup>1</sup>

Discente do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel

**Resumo:** Esse artigo propõe-se a fazer uma análise de como o contemporâneo aparece aplicado ao filme *Uma longa viagem* (Lúcia Murat em 2011). Para isso, o termo contemporâneo será considerado tanto em seu viés temporal quanto em seu aspecto mais profundo dado pelo filósofo Giorgio Agamben.

**Palavras-Chave:** Cinema Contemporâneo; Uma Longa Viagem; Cinema brasileiro; Agamben.

**Abstract:** *This article proposes an analysis of the contemporary present in the movie A long journey (Lúcia Murat, 2011). The term contemporary will be considered in its view temporal and in another deeper view of Giorgio Agamben.*

**Keywords:** *Contemporary Cinema; A long journey; Brazilian Cinema; Agamben.*

### INTRODUÇÃO

O termo contemporâneo possui dois significados um pouco distintos, sendo que um completa o outro. Em seu primeiro significado, o termo é visto apenas de um viés temporal, considerando contemporâneo algo ou alguém que coexiste em um mesmo tempo (FERREIRA, 2008). Em seu segundo significado é considerado como “verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente

<sup>1</sup> douglas.ostruka@hotmail.com

com aquele [com o seu tempo], nem se adequa a suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual” (AGAMBEN, 2009, p. 58), ou seja, quem está além do seu tempo e, portanto, é capaz de enxergá-lo de uma maneira mais ampla, colocando-o em relação com outros tempos e, assim, criando novas perspectivas que não se encaixam nos padrões do período em que vive. Esse segundo ponto de vista não exclui o primeiro, pois ao analisar algo ou alguém esteticamente contemporâneo é necessário considerar a questão temporal, colocando-o em relação com os seus contemporâneos. Ao aplicar essa ideia de contemporâneo no cinema, temos a noção de um cinema que foge das estruturas e padrões de sua época, estando sempre em busca de novas combinações e novas ideias (FRANÇA, 2005). Dessa forma, é possível fazer alguma relação com o cinema experimental<sup>2</sup>, sendo ele uma constante busca pelo novo e pelo diferente é, portanto, também uma busca pelo contemporâneo.

Contextualizado o conceito de aplicação do termo contemporâneo, será feita uma análise em busca da contemporaneidade presente no filme *Uma longa viagem* (Lúcia Murat, 2011), um documentário de caráter autobiográfico, através do qual a diretora busca trazer as memórias de sua experiência e de sua família no período da ditadura militar brasileira, dando ao espectador uma visão ampla sobre esse período. Para isso ela se utiliza de sua própria narração em off, de entrevistas com seu irmão Heitor, das cartas escritas por ele entre 1970 e 1978, de imagens de arquivo e da atuação do ator Caio Blat, que representa Heitor mais jovem. O que serve de base e fio condutor da narrativa são as cartas de Heitor, as quais foram enviadas para os pais depois que eles o mandaram para Londres por medo de que assim como Lúcia, se envolvesse na luta armada da ditadura. Em suas cartas ele conta sobre a viagem ao redor do mundo, omitindo suas experiências com drogas, o que ele conta com detalhes para a irmã Lúcia nas entrevistas realizadas para o filme. A partir disso, o contemporâneo nesse filme será analisado em três diferentes aspectos: em relação à temática, ao gênero cinematográfico e à estética.

<sup>2</sup> No livro “Dicionário teórico e crítico de cinema”, sobre o termo “cinema experimental” é dito “Deveríamos designar assim todo filme que experimenta, que faz uma experiência em uma área qualquer: narrativa, figurativa, sonora, visual etc.” (AUMONT; MARIE, 2012, p.111).

## O CONTEMPORÂNEO NA TEMÁTICA

Em *Uma longa viagem* o tema central são as memórias da diretora e de sua família na ditadura militar brasileira, tema ainda presente em nosso momento e, portanto, em um sentido temporal é contemporâneo a nós. Além disso, a maneira como Lúcia aborda esse tema, através da memória e da lembrança, também pode ser vista como esteticamente contemporânea, no sentido de estar além de seu tempo, pois ela usa a memória pessoal como intercessora de informações, fazendo relação desta com o presente, o que se dá principalmente através da atuação de Caio Blat que representa o passado dentro desse presente (MARTINS; MACHADO, 2014). Tal forma não é tida como o padrão dos filmes de nosso período, que ao abordarem um tema buscam representá-lo diretamente em imagens, como é o caso de outro filme de Lúcia Murat, *Quase dois irmãos* (2004), um drama de mesma temática, mas que diferente de *Uma longa viagem*, não tem a intercessão direta da memória e da lembrança em sua narrativa, nele a ditadura é apresentada ao espectador através de uma ficção que se passa, em grande parte, nos anos 70.

No filme *Uma longa viagem*, a memória está presente desde o momento de sua concepção, sendo o ponto de partida para a diretora, a morte de seu outro irmão Miguel em 2009, o qual aparece no filme em vários momentos justamente através dessa lembrança de um período onde eles ainda eram três. Partindo disso, a diretora transmite ao espectador três diferentes experiências de resistência à ditadura militar brasileira. Miguel, que era médico, representa a resistência através do trabalho social, Lúcia pelo confronto armado e prisão política e Heitor, pela adesão à contracultura (MARTINS; MACHADO, 2014).

Dessa forma, o filme aplica uma importância política e histórica às memórias pessoais da diretora, pois elas reconstróem um momento histórico, assim o pessoal assume importância geral e social, abordando um tema contemporâneo ao nosso momento, a ditadura militar. Um acontecimento recente e ainda muito discutido, presente, mesmo que na memória, na vida de muitas pessoas. Vale ainda citar brevemente como exemplo da contemporaneidade do tema as manifestações de 2015, realizadas por grupos conservadores de direita, que pediam pela volta da ditadura militar no Brasil.

## O CONTEMPORÂNEO NO GÊNERO CINEMATOGRAFICO

Em relação ao gênero cinematográfico, o filme *Uma longa viagem*, cabe na classificação de documentário de Bill Nichols (2001). Sendo considerado um documentário performático, que conforme o autor aborda questões subjetivas de conhecimento de mundo dos indivíduos, trabalhando, muitas vezes, através da memória, valores e crenças pessoais. Dessa forma, unindo o particular ao geral, o individual ao coletivo e o pessoal ao político, tendo um enfoque mais emocional e subjetivo, tendendo ao autobiográfico, pois o que ele impõe é “Nós falamos de nós mesmos para você”, abordando um determinado momento histórico através da experiência pessoal. Além disso, esse modo de documentário tem uma maior abertura narrativa e estética, o que é também uma das propostas desse filme da diretora, expor e lembrar a memória de um tempo através de uma experiência visual e narrativa diferentes do padrão de uma época.

Há ainda outra maneira de enxergar o filme de Lúcia, sendo que ele pode também ser considerado um ensaio, que seria aquilo que não é bem definido, que possui uma forma híbrida e incerta, buscando levar o pessoal para o coletivo (SCAMPARINI, 2013). Do ponto de vista de Arlindo Machado (2003) o ensaio busca uma reflexão acerca do mundo, havendo uma exposição de quem fala, além disso, há uma negação da dicotomia, por isso o ensaio vai além do documentário, desconsiderando o que é “real” ou ficcional, trabalhando com todos os tipos de imagens e conteúdos. Sendo assim, de um ponto de vista ensaístico, as cartas de Heitor assumem relevância central por serem consideradas objeto de reflexão de um momento, as quais unidas com outros elementos como a narração em off da própria diretora e as imagens de arquivo, caracterizam o filme em questão como um ensaio sobre a memória e o momento histórico da ditadura militar brasileira.

Ambas as classificações consideram a linha entre ficção e documentário como tênue, a qual pode ser ultrapassada a qualquer momento. No filme *Uma longa Viagem* a ultrapassagem dessa linha se dá principalmente pelo uso da atuação de Caio Blat, que representa Heitor ainda jovem na época em que viajava pelo mundo, dessa forma trazendo fisicamente o passado para o presente. Em sua atu-

ção o ator traz reflexões diretas sobre o texto das cartas escritas por Heitor, típico do ensaio, isso ainda é combinado no decorrer do filme, com entrevistas do verdadeiro Heitor, criando um jogo entre real e falso, documentário e ficção, questão essa muito presente em filmes contemporâneos do nosso tempo (MARZOCHI, 2012).

## O CONTEMPORÂNEO NA ESTÉTICA

Analisando a estética<sup>3</sup> visual e narrativa do filme *Uma longa viagem* nota-se uma mistura de linguagem mais tradicional de documentário, como as entrevistas de Heitor e a narração em off de Lúcia, com elementos de uma linguagem mais inovadora e atual, como a atuação do ator Caio Blat em um cenário com projeção frontal, por vezes, sobre o próprio corpo do ator. Entre essas imagens projetadas estão imagens de arquivo em diferentes formatos e suportes, partes de filmes, videoarte, fotografias e letras de cartas. Esse turbilhão de informações converge em um único ponto, a intenção de dar ao espectador uma melhor relação com a memória, a qual é atualizada para o presente, paralelamente a isso essa escolha estética também contribui para a criação de um ambiente psicodélico, com uma plasticidade peculiar que tem efeitos diretos na experiência momentânea do espectador (MARTINS; MACHADO, p.cit.).

O contemporâneo aqui se dá não pela projeção em si, mas pela forma como ela é usada em relação às entrevistas e a atuação, contribuindo para o resgate da memória e para a criação de um cenário psicodélico, o qual estabelece ligação narrativa com as experiências que Heitor teve com as drogas durante suas viagens. Além disso, a projeção e seu conteúdo podem ser considerados uma experiência em vídeo<sup>4</sup> no decorrer do filme, ocorrendo, portanto uma mistura entre cinema e vídeo, muito comum nas experi-

<sup>3</sup> Palavra definida no livro “Dicionário teórico e crítico de cinema” (op.cit.) como “Inventada (por volta de 1750) para designar uma ‘ciência dos sentimentos’, depois uma ‘ciência do belo’, a palavra é empregada hoje, igualmente no plural, para se referir às diversas concepções do belo e da arte” (AUMONT; MARIE, 2012, p.108). Nesse caso, a melhor definição seria o viés da palavra ligado às sensações, ao sentimento.

<sup>4</sup> Para uma perspectiva mais profunda do vídeo e suas especificidades olhar o livro “Cinema, vídeo, Godard” de Philippe Dubois.

ências contemporâneas. O vídeo nesse caso é o que permite a assimilação das outras imagens pelo cinema e, além disso, o uso de outros suportes como é o caso da própria projeção (Peixoto apud GUIMARÃES, 2005, p.13). Outra experiência estética também presente no filme é a linguagem televisiva, evidente nos momentos em que o ator faz contato direto com a câmera, quebrando a quarta parede e expondo a questão de que o filme é um filme.

O aspecto de vídeo do filme *Uma longa viagem*, abre caminhos para outras análises mais profundas como a metalinguagem, os diferentes formatos e suportes das imagens, o questionamento sobre a veracidade ou não das imagens de arquivo, entre outros.

## CONCLUSÃO

Considerando o termo contemporâneo em ambos os sentidos, tanto temporal quanto estético, conclui-se que o filme *Uma longa viagem* pode ser tido como contemporâneo em termos de tema, gênero cinematográfico e também de estética. No tema devido ao reavivamento das memórias pessoais da diretora sobre a época da ditadura militar, dando ao espectador sua experiência familiar do período. No gênero pela exploração de uma linha tênue entre documentário e ficção, o que o aproxima tanto do modo de documentário performático quanto do filme ensaio. E, por fim, esteticamente devido à forma como esse tema é retratado, dando novos significados aos materiais de arquivo através do uso do vídeo projetado, o que contribui também para a atmosfera psicodélica do filme, dando uma diferente experiência estética ao espectador. Dessa forma, pode-se dizer que ao realizar o filme *Uma longa viagem*, Lúcia Murat esteve à frente de seu tempo, fazendo relações do momento atual de sua vida com as memórias de outro período, misturando recursos de uma linguagem comum com outra inovadora, ainda não assimilada pelos padrões de filmes do atual período.

## FILMOGRAFIA

**QUASE dois irmãos.** Direção: Lúcia Murat. Rio de Janeiro: Taiga filmes; Ceneca Producciones; TS Productions, 2044. 1 DVD (102 min), color.

**UMA longa viagem.** Direção: Lúcia Murat. Rio de Janeiro: Taiga filmes, 2011. 1 DVD (95min), color.

## BIBLIOGRAFIA

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema.** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. 5ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard.** Tradução de Mateus Araújo Silva. 2ª ed. - São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FRANÇA, Andrea. Foucault e o cinema contemporâneo. **Alceu**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, jan./jun. p.30-39. 2005. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=176&sid=22>>. Acesso em: 21/04/2015.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 55-77.

GUIMARÃES, Denize Azevedo Duarte. O hibridismo do cinema contemporâneo. **Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 13, dez. p. 7-24. 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/449>>. Acesso em: 21/04/2015.

MACHADO, Arlindo. O Filme-Ensaio. In: **Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, 26., 2003, Belo Horizonte, Anais... Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1868450877361748090053890711836232551.pdf>>. Acesso em 21/04/2015.

MARTINS, Andrea França; MACHADO, Patricia. Imagem-performada e imagem-atestação: o documentário brasileiro e a reemergência dos espectros da ditadura. **Galáxia**, São Paulo, n. 28, dez. p. 70-82. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/16497>>. Acesso em: 21/04/2015.

MARZOCHI, Ilana Feldman. **Jogos de Cena: ensaios sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. 2012. 162 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-22052013-110822/pt-br.php>>. Acesso em 21/04/2015.

NICHOLS, Bill. **Introduction to Documentary**. Bloomington: Indiana University Press, 2001. p. 99-138.

SCAMPARINI, Julia. Presença do autor: autoficções de ricardo lísias e de lúcia murat. **Itinerários**, Araraquara, n. 36, Jan./Jun. p.277-286. 2013. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/5694>>. Acesso em: 21/04/2015.